



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS I
CENTRO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM DESENVOLVIMENTO HUMANO E EDUCAÇÃO
ESCOLAR

EMANUELLA BRITO E SILVA BENEVIDES

**A IMPORTÂNCIA DA MEDIAÇÃO DO PROFESSOR PARA O DESENVOLVIMENTO
COGNITIVO DO ALUNO: ESTUDO EM UMA ESCOLA DA CIDADE DE BOQUEIRÃO, PB.**

CAMPINA GRANDE

2015

EMANUELLA BRITO E SILVA BENEVIDES

**A IMPORTÂNCIA DA MEDIAÇÃO DO PROFESSOR PARA O DESENVOLVIMENTO
COGNITIVO DO ALUNO: ESTUDO EM UMA ESCOLA DA CIDADE DE BOQUEIRÃO, PB.**

Trabalho de Conclusão de Curso de Especialização
do Programa de Pós-Graduação em Educação da
Universidade Estadual da Paraíba, como requisito
parcial à obtenção do título de especialista em
Desenvolvimento Humano e Educação Escolar.
Área de concentração: Desenvolvimento Humano.
Orientador: Prof. Dra. Maria da Guia R. Rasia

CAMPINA GRANDE

2015

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

B525i Benevides, Emanuella Brito e Silva

A importância da mediação do professor para o desenvolvimento cognitivo do aluno [manuscrito] : estudo em uma escola da Cidade de Boqueirão, PB. / Emanuella Brito e Silva Benevides. - 2015.

42 p.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Desenvolvimento Humano e Educação Escolar) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2015.

"Orientação: Profa. Dra. Maria da Guia Rodrigues Rasia, Educação".

1.Desenvolvimento. 2.Mediação. 3.Professor. I. Título.

21. ed. CDD 371.12

EMANUELLA BRITO E SILVA BENEVIDES

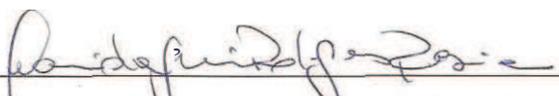
A IMPORTÂNCIA DA MEDIAÇÃO DO PROFESSOR PARA O DESENVOLVIMENTO COGNITIVO DO ALUNO : ESTUDO EM UMA ESCOLA DA CIDADE DE BOQUEIRÃO, PB.

Monografia apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de Especialista em Educação Escolar e Desenvolvimento Humano

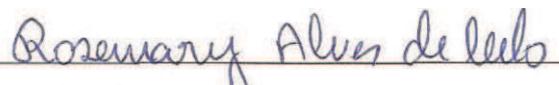
Área de concentração. Desenvolvimento Humano.

Aprovada em: 08/04/2015

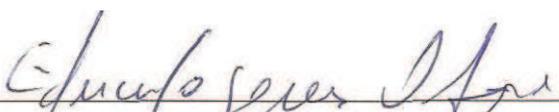
BANC \ ORIENTADORA


Prof. Dra. Maria da Guia R. Rasia (Orientadora)

Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)


Prof Msc Rosimary Alves de Melo

Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)


Prof. Dr. Eduardo Gomes Onofre

Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Ao meu filho Samuel e a meu esposo Benevides, pela inspiração e motivação, que me fazem ter vontade de viver e crescer,

DEDICO.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, Criador e Mantenedor da vida, a qual tanto aprecio e me encanto.

Aos meus pais e irmãos, que sempre acreditam que posso ir além e conquistar um pouco mais a cada dia.

Ao meu esposo Benevides, por ser meu maior incentivador, por acreditar que posso ser melhor através dos meus estudos, pela paciência, carinho e amor que me revigoram.

Ao meu filho Samuel, que é minha principal razão de querer crescer, aprender, e de me tornar mais humana.

A minha secretária Neide, que com tanto carinho cuidou da minha casa e do meu filho, para que eu pudesse me dedicar à conclusão de mais uma etapa de estudos.

A todas as pessoas do meu convívio que acreditaram e contribuíram, mesmo que indiretamente, para a conclusão deste curso.

A minha orientadora Maria da Guia, pelo empenho, paciência e credibilidade, obrigada por tudo.

Inevitavelmente Humano

Quando ainda vigente meu mundo ignaro,
De abruptos eram os que me cercavam.
Mas tão logo encontrei-me em conhecimento,
que de brando me achei no lugar ignavo.

Ao crescente fiz-me assim de indomável,
que pela voz a língua saltou de muitos passos.
E o “aprendente” foi aos poucos o desejável,
Que até o velho sentiu-se mais amado.

Mas que estranho foi esse que me apareceu
e que de luzes encheu todo o meu breu;
talvez fossem respingos do que antes não era meu,
mas decerto foram certezas que a razão me devolveu.

E aos algozes que antes eram apenas muros,
Estapeados caíram de tanta contemplação.
Pois de fascínios talvez se formasse o humano,
Mas inevitavelmente formou-se pela educação.

Leonardo Barbosa

RESUMO

Este trabalho é sobre o que pensam alguns professores de uma escola estadual a respeito de suas práticas pedagógicas e sobre a importância da mediação para o desenvolvimento dos seus alunos. Segundo Facci, (2004) a mediação é um processo que envolve uma atuação intencional e sistematizada de transmissão dos conhecimentos pelos professores, levando o aluno a ir além dos conhecimentos cotidianos, incorporando os conhecimentos científicos. O presente trabalho propôs verificar a relação entre a concepção de aprendizagem apresentada pelos professores e sua prática pedagógica no intuito de contribuir para uma melhor compreensão do papel do professor enquanto agente de mediação dos conhecimentos e de humanização de seus alunos. A pesquisa foi executada de Janeiro a Março de 2015. Os dados foram coletados através de uma entrevista semiestruturada contendo cinco perguntas acerca do Construtivismo e da Psicologia Histórico-Cultural. Para análise dos dados utilizamos como base, a bibliografia pesquisada. Observamos como resultados desse trabalho, que há falta de conhecimento por parte dos professores a respeito das teorias pedagógicas, em especial com relação ao construtivismo e a mediação, que é o instrumento da psicologia histórico-cultural. Nesse sentido, compreendemos que há um prejuízo ao desenvolvimento intelectual e humano dos alunos, uma vez que seu aprendizado não é norteado por uma prática concisa, que oriente o processo de ensino aprendizagem.

Palavras-Chave: Desenvolvimento. Mediação. Professor.

ABSTRACT

This work is about what some teachers of a public school think about their teaching practices and the importance of mediation for their students' development. According to Facci (2004) mediation is a process that involves an intentional and systematic action of knowledge transmission by teachers, leading the student to go beyond the everyday knowledge incorporating scientific knowledge. This study aims to verify the relation between the learning conception presented by teachers and their pedagogical practice in order to contribute to a better understanding of the teacher's role as a mediating agent of knowledge and humanization of their students. The research was done from January to March in 2015. Data were collected through semi-structured interviews with five questions about Constructivism and Cultural Historical Psychology. For the data analysis we used as the basis, the searched literature. The main result of this study is that, there is a lack of knowledge by teachers about the pedagogical theories, especially related to constructivism and mediation, which is the instrument of cultural-historical psychology, in this sense, we understand that there is a loss of intellectual and human development of the students, since their learning is not guided by a concise practice to lead the learning process.

Keywords: Development. Mediation. Teacher.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	11
2. OBJETIVOS	13
3. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	14
3.1 O TRABALHO DO PROFESSOR NO CONSTRUTIVISMO.....	14
3.2 O TRABALHO DO PROFESSOR NA PERSPECTIVA HISTÓRICO-CULTURAL	18
3.3 CONCEITOS FUNDAMENTAIS A PRÁTICA PEDAGÓGICA.....	21
3.3.1 Zona de Desenvolvimento Proximal.....	21
3.3.2 Processos Psicológicos Superiores.....	22
3.3.3 Mediação.....	23
3.4 O PAPEL DA LINGUAGEM NA MEDIAÇÃO	25
4. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....	28
4.1 Caracterização do Campo de pesquisa	28
4.2 Caracterização da Pesquisa	28
4.3 Coleta de dados	29
4.4 Análise dos dados	29
5. RESULTADOS E DISCUSSÃO	30
5.1 Percepção de professores acerca da tendência pedagógica do construtivismo e da psicologia Histórico-cultural	30
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS	35
REFERÊNCIAS	37
APÊNDICE.....	40

1. INTRODUÇÃO

Vivenciamos um período em nossa sociedade, no qual se acredita inquestionavelmente que a educação é o principal meio, senão o único, pelo qual será possível vencer barreiras de desigualdade social, preconceitos, violência etc. Muitas discussões permeiam o meio educacional no que se refere as “melhores” tendências pedagógicas a serem utilizadas pelos professores em sala de aula. Nesse contexto encontramos modismos, processos de alienação e como agravante a falta de informações concisas, firmadas em teorias científicas que poderiam vir a auxiliar o professor em sua tomada de decisões. Afora isto, o marketing, a mídia, as esferas educativas governamentais criaram um sistema no qual o professor se percebe como o principal responsável pelo sucesso da educação, independente dos problemas estruturais, financeiros e de apoio que ele tenha que enfrentar (ARCE, 2000).

Para Rossler, (2006, p. 246):

[...] há uma vulnerabilidade cognitiva e afetiva dos indivíduos aos discursos sedutores do momento, e mais especificamente, ao discurso fortemente sedutor presente ao longo da difusão do ideário construtivista nos diversos âmbitos de nossa educação que estaria diretamente relacionada com o profundo processo de esvaziamento material e psíquico da individualidade humana, decorrentes da alienação objetiva e subjetiva promovida pela dinâmica da vida cotidiana, que se processa no interior do sistema social capitalista de produção.

Para o mesmo autor é inegável o fato de que a sociedade produziu um desenvolvimento social, moral, artístico, filosófico, científico e tecnológico sem precedentes na história dos homens, por outro, a grande maioria dos indivíduos encontra-se privada dos benefícios materiais, intelectuais e morais desse desenvolvimento sociocultural. É neste contexto que surge nossa preocupação em compreender de fato qual é o nosso papel enquanto professores. É nesse sentido que investigamos concepções de professores de uma Escola Estadual, situada no centro da cidade de Boqueirão-PB, acerca da pedagogia construtivista e da psicologia histórico-cultural e suas influências no fazer pedagógico a na construção do desenvolvimento humano.

Segundo Facci, (2004), Vigotsky acreditava que o desenvolvimento humano e a educação são dois fenômenos que caminham juntos, que não podem ser separados. Nessa perspectiva compreendemos que o papel do professor permeia a ideia de promover a humanização das pessoas, o que não vem ocorrendo no atual sistema educacional.

Acreditamos que por meio de uma educação pautada no desenvolvimento humano dos indivíduos, nossa sociedade alcançará objetivos e desejos há muito tempo traçados, mas não concretizados devido aos meios errados que tem sido utilizado na busca por soluções. Para Duarte, (1996) educar é produzir de maneira intencional, necessidades cada vez mais elevadas nos alunos e nos futuros professores, é lutar contra a alienação produzida no cotidiano alienado e alienante no qual a sociedade capitalista contemporânea procura mergulhar a todos nós.

Desta maneira, buscaremos ao longo deste trabalho discutir, refletir e sugerir possíveis avanços no campo de atuação dos professores em sala de aula, levando-nos a uma compreensão mais aprofundada a respeito da importância do professor enquanto mediador dos conhecimentos para seus alunos, na busca de propiciar o desenvolvimento humano, processo que envolve uma atuação intencional e sistematizada de transmissão dos conhecimentos pelos professores, levando o aluno a ir além dos conhecimentos cotidianos incorporando os conhecimentos científicos (FACCI, 2004).

Mediante o exposto, o presente trabalho apresentou as seguintes indagações: qual é o pensamento vigente entre os professores da Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Conselheiro José Braz do Rêgo a respeito do construtivismo e suas implicações? De que maneira esses professores enxergam a mediação, conceito difundido e pouco estudado? Afora o pensamento teórico apresentado por esses professores, o que de fato eles tem aplicado em sala de aula? Como esse contexto interfere no processo de desenvolvimento humano dos alunos?

O trabalho está estruturado da seguinte forma: Quais objetivos almejamos atingir com esse estudo; Apresentação da fundamentação teórica que nos deu o devido respaldo para a construção deste trabalho; A metodologia utilizada para o processo de captação das informações necessárias; A discussão realizada ao confrontarmos os resultados obtidos com a bibliografia estudada, assim como as considerações que realizamos de acordo com a análise realizada.

2. OBJETIVOS

➤ Geral

- Verificar a relação entre a concepção de aprendizagem apresentada pelos professores e sua prática pedagógica.

➤ Específicos

- Aplicar entrevistas referentes à pedagogia construtivista e a psicologia histórico-cultural para serem utilizadas como fonte de análise da nossa pesquisa.
- Contribuir para uma melhor compreensão do papel do professor enquanto agente de mediação dos conhecimentos e de humanização de seus alunos.

3. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

3.1 O TRABALHO DO PROFESSOR NO CONSTRUTIVISMO

O construtivismo, que tem como principal referência, um dos mais importantes pensadores do século XX, Jean Piaget, designa um conjunto teórico e de práticas que abrange a obra de muitos autores e desdobramentos práticos diversificados, principalmente sobre o desenvolvimento infantil. De acordo com Sanchis e Mahfoud, (2010), Piaget é apontado como o primeiro pesquisador na área de ciências humanas a utilizar o termo construtivismo.

Para Becker, (1990), Piaget mostra como o homem, logo que nasce, apesar de trazer uma fascinante bagagem hereditária que remonta a milhões de anos de evolução, não consegue emitir a mais simples operação de pensamento ou o mais elementar ato simbólico. Nos mostra ainda, que o meio social, por mais que sintetize milhares de anos de civilização, não consegue ensinar a esse recém-nascido o mais elementar conhecimento objetivo..

Desta maneira o construtivismo significa a ideia de que nada está pronto, acabado, e de que, especificamente, o conhecimento não é dado, em nenhuma instância, como algo terminado (BACKER, 1994). De acordo com Duarte, (2004), Piaget interpreta o desenvolvimento da inteligência como parte do processo de adaptação do indivíduo ao meio ambiente, numa direta referência ao processo biológico de interação entre organismo e meio ambiente. Nesta visão teórica Piagetiana, o conhecimento não pode ser visto como representação mais ou menos correta da realidade, ele é sempre algo subjetivo, não existe fora da mente de uma pessoa, mas é construído por ela própria na interação com o meio.

Embora muitos estudiosos acabem considerando os teóricos Piaget e Vygotsky como pensadores que corroboram para a teoria construtivista, consideramos que essa interpretação constitui-se um engano, uma vez que ao estudarmos a fundo as teorias defendidas por tais estudiosos perceberemos que há entre eles diferenças marcantes.

Para Facci, (2004) a principal diferença está na maneira de conceber o processo de desenvolvimento. A mesma autora afirma que Piaget privilegia a maturação biológica, enquanto Vygotsky considera o ambiente social como fator de aprendizagem e desenvolvimento. Piaget considera que os fatores internos preponderam sobre os externos, onde o desenvolvimento segue uma sequência fixa e universal de estágios. Em contrapartida, Vygotsky salienta o espaço social em

que a criança nasceu, variando o ambiente, o desenvolvimento também variará, não se aceita assim uma visão única e universal de desenvolvimento humano.

Além das claras divergências já apresentadas, ainda seguem-se outras de igual modo relevantes para diferenciarmos o ponto de vista desses teóricos com relação à aprendizagem e ao desenvolvimento. De acordo com Facci, (2004), Piaget acredita que os conhecimentos são elaborados espontaneamente pela criança de acordo com o estágio de desenvolvimento. Em oposição a esse pensamento, Vygotsky acredita que a criança já nasce em um mundo social e vai formando uma visão deste mundo através da interação com outras pessoas. Em suma, Piaget afirma que a aprendizagem subordina-se ao desenvolvimento, enquanto Vygotsky sugere que desenvolvimento e aprendizagem ocorrem simultaneamente, onde um processo influencia e ativa o outro.

Duarte, (2004) afirma que mesmo havendo tantas distinções entre o construtivismo de Piaget e a psicologia histórico-cultural fundamentada em Vygotsky, alguns estudiosos insistem em firmar uma estratégia ideológica de diluição das diferenças filosóficas, políticas e ideológicas, criando uma atitude pragmatista, a qual busca uma aceitação consensual e acrítica de propostas educacionais adequadas ao interesse do capitalismo contemporâneo.

De acordo com Sartório, (2010) o ideário piagetiano obteve inserção no Brasil no final da década de 1960, mas foi efetiva e oficialmente incorporado nas redes de ensino no final da década de 1980; Com a aprovação dos Parâmetros Curriculares Nacionais – PCN's, em 1998, pode-se afirmar que o construtivismo adquiriu dimensão nacional, articulado a outras teorias que se potencializam reciprocamente: a psicolinguística e a pedagogia das competências, as quais se complementam e fortalecem o movimento escolanovista iniciado no final do século XIX.

Neste contexto torna-se relevante discutir a influência do construtivismo na educação brasileira, assim como perceber o porquê dessa teoria não ser a mais adequada para explicar e promover os processos de aprendizagem. Segundo Sartório, (2010), o teórico Piaget traz a influência para a educação formal, em especial a brasileira de que a Filosofia deveria ser substituída pela Psicologia ou Epistemologia, ou seja, o estudo do pensamento humano, da arte, da história, da cultura deveria ser substituído pela ciência.

De acordo com este mesmo teórico, a criança deveria estar livre para aprender através do máximo de experimentação, pois o que não passasse pela experiência seria adestramento. Neste sentido verificamos até certa contradição nessas ideias construtivistas, pois como o conhecimento pode ser ao mesmo tempo empírico e subjetivo?

Para Marsiglia e Duarte, (2009) a perspectiva construtivista, torna-se problemática por várias razões. Uma delas é a de que a epistemologia piagetiana carrega uma ambiguidade: ela se caracteriza por um cientificismo positivista e, ao mesmo tempo, por um relativismo subjetivista. Essa ambiguidade acarreta a segunda razão pela qual a concepção de realidade no construtivismo mostra-se problemática: a separação entre ontologia e epistemologia

O cientificismo positivista é inaceitável em sua pretensão de neutralidade, em sua biologização do social e em sua identificação do concreto ao fato empiricamente verificável, negando assim, tanto a possibilidade de conhecer-se a realidade em si mesma, quanto a possibilidade de produção histórica de conhecimentos cujos conteúdos possam adquirir validade universal. A única universalidade admitida na epistemologia construtivista é a das formas, não a dos conteúdos (MARSIGLIA & DUARTE, 2009).

Na teoria construtivista os problemas escolares se concentrariam nas metodologias utilizadas pelos professores. Uma vez que toda verdade a ser adquirida pelo aluno deveria ser reinventada ou pelo menos reconstruída e não simplesmente transmitida. Nesse contexto o professor deveria assumir uma postura de animador, que estimularia a criança a realizar experiências por elas mesmas e chegar as suas conclusões, além disto, seu papel deveria ser, estar bem informado sobre peculiaridades do desenvolvimento psicológico da criança, e não propriamente ter uma formação cultural e científica em sua base (SARTÓRIO, 2010).

Compreendendo assim algumas das muitas razões pelas quais o construtivismo não corresponde a uma pedagogia que de fato se efetive enquanto instrumento de mitigação dos amplos problemas escolares; por que é uma teoria tão difundida e tão dominante no meio educacional, especialmente quando nos referimos aos profissionais da educação básica?

Rosler, (2006), afirma que o “boom” construtivista na nossa educação se deu a partir da década de 1980, se difundindo como um discurso de ampla força sedutora, o qual se constituiu como um dos maiores modismos educacionais. O mesmo autor aponta para o fato que o construtivismo se inseriu assumindo o caráter de uma teoria crítica e transformadora em meio ao fracasso educacional, adotando um caráter revolucionário.

De acordo Rosler (2006), o construtivismo passou a configurar-se como modismo educacional, onde essa nova teoria passa a ter uma conotação mágica e o resto, o que é velho seria descartado, além disso, haveria uma elite intelectual que pensaria pelos educadores e imporiam do “alto” as tendências pedagógicas. Segundo Duarte, (1993), muitos autores construtivistas afirmam que transmitir conhecimentos poderia, inclusive, prejudicar o desenvolvimento cognitivo do aluno,

negando-se assim a própria especificidade do trabalho escolar. Desta forma, o professor exerceria a função de tão apenas “facilitador” dos processos de aprendizagem.

Segundo Arce, (2000) “O construtivismo no Brasil vem sendo considerado por boa parte dos educadores um avanço como concepção sobre o processo educativo, concepção essa que deveria ser empregada na própria formação de professores”. Porém, o que percebemos é que tal ideologia promove mais retrocesso do que avanços, uma vez que conduz à negação da importância da apropriação do conhecimento por parte do professor em seu processo formativo.

De acordo com Rossler, (2006), há uma vulnerabilidade cognitiva e afetiva nos indivíduos ocasionada por uma alienação objetiva e subjetiva promovida pelo sistema social capitalista de produção, o qual torna as pessoas e em especial os educadores seduzidos ao discurso construtivista.

O que na realidade conseguimos perceber em todo esse desfecho que exalta o construtivismo como pedagogia revolucionária, são interesses capitalistas que aliados ao neoliberalismo e ao pós-modernismo buscam implantar nos educadores e na sociedade em geral, com o auxílio da mídia e sua vinculação com o MEC, a ideia de que os educadores devem atuar não como um profissional qualificado e que precisa de um ambiente adequado para o seu trabalho, mas como um missionário que trabalha incansavelmente para educar os mais pobres dando o pouco que possui (ARCE, 2000).

A pedagogia construtivista vem a calhar plenamente com esse pensamento ideológico e massificador ao reafirmar que o papel do professor é o de não continuar como mero transmissor de conhecimentos arcaicos que não servem para nada no cotidiano e no contexto em que vive o aluno, mas devem desenvolver em seus alunos a criatividade e a autonomia na busca dos conhecimentos, que porventura lhe serão essenciais no meio onde vivem, desconsiderando os problemas globais, assim como toda a bagagem sociocultural da humanidade (ARCE, 2000).

Segundo Arce, (2000), desta maneira o professor deixa de se tornar um intelectual para se tornar um mero “técnico” ou “acompanhante” do processo de construção do indivíduo, uma vez que ele não necessita ficar “inculcando conteúdos”, mas desenvolver habilidades que o levem a gerar autonomia no aluno.

No capítulo à seguir destacaremos o trabalho do professor em outro contexto, no qual, o professor é visto enquanto elemento indispensável ao processo de construção do conhecimento. Aprofundaremos o papel do professor na perspectiva da psicologia histórico-cultural.

3.2. O TRABALHO DO PROFESSOR NA PERSPECTIVA HISTÓRICO-CULTURAL

Rasia, (2010) afirma que Vygotsky aponta para uma educação que tem como pressuposto a história cultural da sociedade. Para este importante estudioso soviético, a natureza humana não deve ser compreendida como estática e invariável, mas histórica, sempre em permanente transformação. Nesse sentido a medida que o homem transforma seu meio transforma a si mesmo. O autor russo considera que a aprendizagem é condição prévia de desenvolvimento, antecipando-se a ele podendo promovê-lo. À medida que a aprendizagem avança o sujeito se desenvolve mais rapidamente.

As funções psicológicas superiores têm origem nas relações entre o indivíduo e o seu contexto sócio cultural. Desta maneira o papel do docente é ensinar ao aluno aquilo que ele não é capaz de aprender sozinho. O professor é o mediador dos conceitos científicos e intervém, na constituição das funções mentais superiores (RASIA, 2010).

Para Machado, (2000), o professor também deve ser compreendido à luz da realidade social e histórica, uma vez que ele é um indivíduo histórico e socialmente construído. Porém, por ser considerado como mais experiente que seus alunos, cabe ao professor no processo educativo contribuir para o processo de humanização dos indivíduos (FACCI, 2004).

De acordo com Saviani, (2003), o trabalho educativo é o ato de produzir, direta e intencionalmente, em cada indivíduo singular, a humanidade que é produzida histórica e coletivamente pelo conjunto dos homens. Duarte, (1993) afirma que a educação é um processo mediador entre a vida do indivíduo e a história. Compreendemos desta maneira que a educação escolar distingue-se de outras formas de educação por buscar promover a humanidade do indivíduo.

Para além deste conceito, de que forma o indivíduo irá ser humanizado? De acordo com a psicologia histórico-cultural e a pedagogia histórico-crítica, o ensino é o sistema de organização dos meios pelos quais se transmite ao indivíduo a experiência elaborada pela humanidade (FACCI, 2004).

Para a referida autora, o docente deve partir do conhecimento sincrético, desorganizado do aluno, para chegar ao conhecimento sintético, sistematizado e vinculado a prática social. Deverá ainda conduzir os alunos a um desenvolvimento das potencialidades mentais, estabelecendo uma programação de ensino e uma sistematização de seus conhecimentos.

Para Vygotsky, (1996) o professor não tem como papel ensinar a criança, o que esta sabe fazer por si mesma, mas aquilo que não sabe. Entretanto que pode fazer se lhe ensinam e dirigem. Desta maneira compreendemos que as crianças poderão aprender algo que não sabem, se houver

quem medie este conhecimento de maneira organizada e com definidos objetivos e incentivo a motivação.

De acordo com Facci, (2004, p. 242), as características a seguir dão diagnóstico generalizado a respeito do papel do professor na perspectiva histórico-cultural:

Cabe ao professor transmitir conhecimentos [...] dirigindo a formação dos seus processos psicológicos superiores; Os professores precisam atuar como mediadores entre os conceitos científicos e os alunos; Cabe ainda ao professor investir na zona de desenvolvimento proximal dos alunos, provocando seu desenvolvimento intelectual e afetivo; Também é importante que o professor perceba até que ponto vai a capacidade de imitação do aluno, estar atento para o limiar superior e inferior da zona de desenvolvimento próximo.

Segundo Duarte, (2000), educar é produzir de maneira intencional, necessidades cada vez mais elevadas nos alunos e nos futuros professores; é lutar contra a alienação produzida no cotidiano alienado e alienante no qual a sociedade capitalista procura mergulhar a todos nós.

Para Saviani, (1997 apud Duarte, 2000), ao contrário do que prega o construtivismo há sim um conhecimento objetivo da realidade social e natural, conhecimento esse que deve ser transmitido pela escola, nesse sentido o papel do professor torna-se vívido e efetivamente importante como mediador dos conhecimentos sócio históricos, produzidos em nossa sociedade.

De acordo com Tébar, (2011), nossa aprendizagem cresce em quantidade e qualidade quando vem marcada por bons e experientes professores mediadores. Devemos entender a mediação como uma posição humanizadora, positiva, construtiva. Nesse contexto podemos destacar algumas características primordiais ao perfil do professor mediador: como responsabilidade primária, potencializar o rendimento do educando, sendo o próprio professor um especialista em sua área, que estabelece metas, promove aprendizagens significativas, busca novidades, potencializa capacidades, ensina o que, como e quando fazer, compartilha experiências de aprendizagens, considera as diferenças individuais de seus alunos, desenvolve em seus alunos atitudes positivas, automodificadoras.

A psicologia histórico-crítica postula que: “o trabalho educativo é o ato de produzir, direta e intencionalmente, em cada indivíduo singular, a humanidade que é produzida histórica e coletivamente pelo conjunto dos homens” (SAVIANI, 1994).

Para Haddad e Pereira, (2014) Na pedagogia histórico-crítica, o trabalho do professor é fundamental ao processo educativo, pois, ao contrário das pedagogias do aprender a aprender segundo as quais cabe ao professor apenas ser um facilitador da aprendizagem do aluno, na pedagogia histórico crítica, o professor é o responsável pela organização do trabalho pedagógico em

sala de aula, o que implica pensar no sequenciamento e graduação dos conteúdos, bem como na escolha das formas adequadas para garantir a apropriação do saber escolar, ou seja, nas mediações necessárias a uma boa aprendizagem.

O trabalho do professor, nesta perspectiva, é o de organizar o ensino de forma a promover a aprendizagem dos conteúdos sistematizados pela humanidade o que possibilita o desenvolvimento das funções psicológicas superiores. Portanto, na psicologia histórico-cultural como na pedagogia histórico crítica o professor como “mediador social” é fundamental no processo educativo, ele organiza o ensino de forma a promover o desenvolvimento do aluno através dos “mediadores culturais” que se apresentam na forma dos conteúdos escolares (SFORNI e GALUCH, 2009).

3.3. CONCEITOS FUNDAMENTAIS À PRÁTICA PEDAGÓGICA

Os conceitos fundamentais a prática pedagógica, enunciados por Vigotski, apontam para uma linha histórico-cultural. Esses conceitos são amplos e simples, quando compreendidos e analisados no cotidiano das práticas educativas, percebe-se que realmente se fazem presentes, servindo como auxílio ao educador na compreensão do processo de aprendizagem e na intervenção correta para que a criança desenvolva-se intelectualmente (RASIA, 2014).

De acordo com Duarte, (2003) o desenvolvimento sociocultural do indivíduo situa-se na história social humana. Percebemos assim que a teoria apontada por Vigotski faz referência ao sujeito enquanto ser histórico e social, sem desprestigiar os pressupostos biológicos. Nela o sujeito se constitui enquanto humano, nas relações pessoais, interpessoais e, portanto, no coletivo social. As aprendizagens adquiridas nessas relações são construídas em um longo processo histórico, e são elas responsáveis pela compreensão do presente (RASIA, 2014).

A seguir iremos apresentar os principais conceitos defendidos pelo teórico russo, como o conceito de zona de desenvolvimento proximal (ZDP), os processos psicológicos superiores e a mediação. O conceito de linguagem, devido sua grande importância para o processo de mediação será analisado em um capítulo a parte. Com relação aos demais conceitos já referidos, faremos uma explanação de como podem direcionar para o conhecimento, ajudando o educador em sua prática diária de sala de aula onde o objetivo é a aprendizagem do aluno, entender porque se faz tão necessária para autonomia do educador, e como tornar esses conceitos parte de sua prática.

3.3.1 Zona de Desenvolvimento Proximal

A zona de desenvolvimento proximal é a projeção de aprendizagens futuras, não representa o estado real da situação, mas uma possibilidade para o depois. Isso significa que o aluno aprendiz pode conseguir solucionar amanhã ou depois um problema que não lhe é possível resolver hoje. Isso ocorre pelo fato de que a aprendizagem e desenvolvimento ocorrem de maneira simultânea. Portanto, muitas vezes o aluno encontra-se imaturo para realizar determinadas atividades, porém isso não significa que não há outras tarefas as quais ele consiga realizar com agilidade e autonomia, observamos esse fato quando o ciclo de amadurecimento para desempenhar essas funções foi completado, com isso, estamos nos referindo ao desenvolvimento real do sujeito, ou seja, aquilo que já lhe é possível conduzir sozinho sem ajuda de terceiros (RASIA, 2014).

Segundo Davis e Oliveira (2010) a capacidade da criança adquirir com maior facilidade ou não determinadas aprendizagens, está relacionado ao ambiente cultural, familiar e social que vivencia. Isso significa que quanto mais à criança se relacionar com pessoas mais experientes que lhes propicie ter contatos com a história cultural, maiores serão suas chances de aprender, passando de um nível real para o potencial.

Rasia (2011), no artigo “o conhecimento como constituinte da Educação Popular” esclarece da seguinte maneira o processo que vai da zona de desenvolvimento real, para chegar ao potencial:

[...] o desenvolvimento real do indivíduo enquanto conquistas consolidadas ou capacidades que já construiu e domina, impulsiona o desenvolvimento potencial que abrange funções que ainda não “amadureceram”. Atividades que estão além das possibilidades do sujeito, quando realizadas através da intervenção mediadora, ativam a Zona de Desenvolvimento Proximal (ZDP) [...] (p. 76).

Consideramos tal conceito de suma importância para compreendermos o desenrolar do processo de aprendizagem do aluno, assim como aponta para a compreensão do conceito dos processos psicológicos superiores.

3.3.2 Processos Psicológicos Superiores

Para Rasia, (2011) no que se refere aos processos psicológicos superiores, entende-se que são as aprendizagens adquiridas pelo sujeito que lhe permitem avanços intelectuais. Tal afirmação engloba a capacidade de pensar, levando o aluno a compreender o mundo que o cerca. Vygotsky (1994) verifica que a aprendizagem ocorre desde cedo, tendo como pressuposto uma natureza social e um processo, pelo qual o indivíduo penetra na vida intelectual dos outros.

Baquero (2001) afirma que na teoria Histórico-Cultural, a origem dos Processos Psicológicos Superiores ocorre através da interiorização de práticas e ações culturalmente vivenciadas pelo indivíduo, que é em si um ser social. Outro importante conceito presente nos estudos de Vigotski é a compreensão do desenvolvimento do pensamento e da linguagem, que se tornou uma das obras escritas mais importante, do estudioso russo. Esse conceito é explicado por intermédio dos Processos Psicológicos Superiores (RASIA, 2014).

A mediação instrumental é uma importante influência na construção dos Processos psicológicos superiores, levando o indivíduo de um estágio psicológico de ingenuidade para um grau mais avançado, no qual ele torna-se capaz de realizar uma ação consciente, programada,

pensada, o que não seria possível se não, pelo desenvolvimento dos Processos Psicológicos Superiores (BAQUERO, 2001).

Desta maneira consideramos que a cultura não é intrínseca ao sujeito, portanto quando ele não a possui age apenas baseado na necessidade, guiado pelos Processos Psicológicos Elementares, ou seja, suas ações são motivadas pelos mecanismos biológicos. O desenvolvimento dos Processos Psicológicos Superiores, ocorre por ação indissolúvel da mediação, a qual irá promover o desenvolvimento da inteligência do sujeito.

Vigotski (1996), percebe que o sujeito é um ser histórico e social, que vive em sociedade e desde cedo adquire costumes, regras, ideologias, cria uma personalidade. Porém, esse indivíduo não adquiriu por si só a construção de sua personalidade: o que é e o que sabe foi construído socialmente pela mediação de terceiros. É por isso que este conceito possui destaque na teoria do estudioso russo, além de conquistar muitos aderentes.

3.3.3 Mediação

Rasia (2011, p.74), descreve: “o conhecimento não se dá a partir da interação direta sujeito-objeto. Essa interação é em essência mediada”. Nesse sentido, apenas a manipulação do objeto pelo sujeito não é o suficiente para que se tenha a compreensão de seu funcionamento e significado. Por esse meio, é possível revelar que o construtivismo possui ideias muito equivocadas do processo de aprendizagem da criança, uma vez que acredita que a aprendizagem dá-se na interação entre sujeito e objeto apenas, não compreendendo que a mediação é fundamental nesse processo (RASIA, 2014).

Vigotski (1996) explica que os conhecimentos adquiridos pela mediação ativam o psíquico do indivíduo, elevando-o a outra patente, “os processos de caráter mediado tem função primordial para qualquer função psíquica” (p. 453).

De acordo com Rasia, (2014) todo conhecimento científico se dá pela mediação. O aluno chega à escola com conhecimentos em sua bagagem, advindos das mediações que recebeu em seu cotidiano, tais conhecimentos por vezes estão “recheados” de senso comum necessitando assim serem mediados ao conhecimento científico. A esse processo que encaminha a um novo saber, Vigotski denomina: “dissociação” e “associação”.

É por meio da mediação que o sujeito abandona sua zona de conforto, que está situada naquilo que ele já sabe, ou seja, da zona de desenvolvimento real, para ser desafiado a adquirir a zona de desenvolvimento proximal, o conhecimento que ainda não possui. Nesse processo, é

fundamental que o indivíduo não sinta-se só, o que provavelmente não permitiria a superação de suas dificuldades, por isso o processo de mediação torna-se imprescindível para a superação da zona de desenvolvimento real em que se encontra (RASIA, 2014).

Na prática pedagógica o conhecimento desses conceitos é necessário e faz-se presente a todo tempo nas ações do educador, para que possa desencadear a aprendizagem do aluno. A escolha por métodos de ensino e conceitos que norteará e dará sentido a prática do professor não pode ocorrer de qualquer maneira. Faz-se necessário analisar o contexto em que tais conceitos serão desenvolvidos, comparando-os ao cenário atual e sociocultural do aluno e identificando se condiz e atende as demandas da sociedade, além de perceber se proporciona um processo de ensino e aprendizagem em que este sujeito possa se sentir inserido.

O capítulo que se segue, trabalhará a importância da linguagem como principal instrumento para o processo de mediação, dentro da psicologia histórico-cultural.

3.4 O PAPEL DA LINGUAGEM NO PROCESSO DE MEDIAÇÃO

Vigotski (1996) critica a compreensão da psicologia que defende pensamento e linguagem, como processos separados, ou então se reduz a linguagem interna. Porém, o autor se contrapunha a essas interpretações, pelo fato de a psicologia estudar esse processo em pessoas adultas, dissociado do contexto histórico do sujeito, pois ele acreditava que a explicação para tal fenômeno estava nas ações interativas do ser humano. Assim, o estudioso chegou à conclusão de que: “A linguagem é um instrumento psicológico que age de forma mediada no estágio precoce do pensamento (por estágio precoce do pensamento subentendia-se a atividade prática). Como resultado desse caráter mediado se forma o pensamento formal” (p. 456).

O conceito de pensamento e linguagem exerce um papel singular para o indivíduo desde seus primeiros anos de vida. É no início da infância que a criança começa a fazer os primeiros usos da linguagem, fazer uso das primeiras palavras, porém essa linguagem não representa significado para o ser pequenino, que a usa por ouvir por diversas vezes as mesmas palavras. Nesse sentido, pode-se dizer que os primeiros usos da linguagem, pela criança, ocorrem por imitação da fala adulta, e ainda, o desenvolvimento da linguagem se faz possível pelo ser humano conviver socialmente (RASIA, 2014).

Discutir o papel da linguagem no processo de desenvolvimento mental dos alunos, tendo como aporte teórico o pensamento de Vygotsky (2000), tem sido sempre um desafio para estudiosos e pesquisadores, sobretudo, quando se analisa a importância da escola como o espaço mais apropriado para o seu crescimento cognitivo. De acordo com o autor, todas as atividades cognitivas básicas do indivíduo ocorrem em consonância com sua história social e acabam por se constituir no produto do desenvolvimento histórico-social de sua comunidade. A linguagem, portanto, tem papel fundamental na formação do pensamento e do caráter do indivíduo.

No contexto em que tratamos da influência da linguagem para o processo de mediação, entendemos que, para que haja apropriação da cultura humana historicamente e socialmente construída, necessitamos de um processo de mediação, que dá-se inerentemente através da linguagem. De acordo com Poroloniczak, (2014) a educação é a maneira cultural de repassar às novas gerações os conceitos elaborados ao longo da história na relação dos homens entre si e com a natureza, na produção da sua existência. Desta maneira, compreende-se que a educação é o meio mais pertinente para se chegar a esse processo de transformação do ser humano, de uma base puramente biológica para uma que o torna essencialmente humanizado.

De acordo com Alves, (2005) a linguagem é um dos principais instrumentos de ação e de práticas sociais formadora do mundo cultural, pois ela traz em si a construção e a expressão do conhecimento. Torna-se interessante ressaltar que não apenas no contexto social e cultural a linguagem é um fator determinante no processo de desenvolvimento, mas também afirma Palangana, (1996) através da linguagem que acontece em sala de aula, o aluno adquire um conjunto de riquezas produzidas pelos próprios seres humanos, dentre elas a consciência, que pode ser um fato alienado ou um forte instrumento na leitura de mundo.

Assim, torna-se claro que a mediação possibilitada pelos signos da comunicação através da linguagem é fundamental no processo de complexificação do psiquismo, o que garantirá a apreensão das formas históricas essencialmente humanas (POROLONICZAK, 2014).

De acordo com Luria (2005), a linguagem desempenha três funções indispensáveis no processo de desenvolvimento do aluno, das quais, destaca como principal, a função de generalização, que é a capacidade de formulação de regras a partir de uma determinada situação vivenciada por ele. A linguagem desempenha ainda a função de fonte de pensamento. Nesse sentido, afirma Leontiev, (2004, p. 93-94):

[...] a linguagem não desempenha apenas o papel de meio de comunicação entre os homens, ela é também um meio, uma forma de consciência e do pensamento humano, não destacado ainda da produção material. Torna-se a forma e o suporte da generalização consciente da realidade. Por isso, quando, posteriormente, a palavra e a linguagem separam da atividade prática imediata, as significações verbais são abstraídas do objeto real, e só podem, portanto, existir como fato de consciência, isto é, como pensamento.

É por meio da linguagem que o indivíduo assimila e se apropria das conquistas das gerações humanas anteriores. Nesse sentido, Luria (2005), aponta a aprendizagem da linguagem como sendo a condição mais importante para o desenvolvimento mental do aluno, uma vez que o conteúdo da experiência histórica do homem está consolidado em coisas materiais e nas generalizações que refletem-se de forma verbal na linguagem.

O significado da palavra para Vygotsky (2000) não pode pertencer somente à fala ou à palavra em si, uma vez que o significado é uma generalização, um conceito, logo são atos do pensamento, pois é nele que estão os conceitos. Mas uma palavra sem significado é um som vazio, então o autor afirma que o significado das palavras é um fenômeno do pensamento verbal, pois o significado da palavra é um fenômeno de pensamento apenas na medida em que o pensamento ganha corpo por meio da fala, e só é um fenômeno da fala quando ligada ao pensamento.

O uso da Linguagem como um produto social em sala de aula funciona a partir de lógica e especificidades próprias, as quais, muitas vezes, escapam aos agentes educativos: professores, gestores e funcionários. Assim, se, por um lado, a escola e, por extensão, a sala de aula, pode ser compreendida enquanto espaço legitimador de determinada linguagem social, o seu cotidiano e, portanto, as práticas dos seus atores apontam para outras lógicas de funcionamento no uso da linguagem. O uso que os alunos fazem da língua, em sua interação uns com os outros e com os professores, está marcado tanto pela sua origem social, como, também, pelo lugar que os mesmos ocupam e/ou buscam ocupar na instituição escolar.

A linguagem se faz tão importante que é o principal meio de mediação na ação pedagógica do educador e é pela mediação, pelo pensamento sobre o que se está sendo ensinado, que se constrói conhecimento. Os dois processos unem-se como um só. “O pensamento se entrelaça estreitamente com a linguagem” (VIGOTSKI, 1996, p. 454). Pela linguagem se transmite ensinamentos, adquire-se respeito, forma-se consciência e promove-se transformação.

A linguagem, assim, é compreendida como um fator determinante no processo de mediação, portanto, deve-se estar atento para que esta linguagem utilizada principalmente pelo mediador seja conduzida, no tocante a sala de aula, de uma maneira objetiva, intencional e ao mesmo tempo reflexiva, com o intuito de conduzir ao aluno uma mensagem relevante com relação à construção sócio-histórica da nossa sociedade.

Portanto, compreendemos que para que haja uma prática educativa eficaz, a intervenção de uma ação mediadora através da linguagem que direciona, organiza, mostra um novo significado e ainda valoriza informações antes dispersas e muitas vezes errôneas, contribui de maneira significativa para o processo de aprendizagem do aluno e seu consequente desenvolvimento.

No capítulo a seguir, apresentaremos quais materiais e métodos foram utilizados para captação e análise dos dados, a serem utilizados na discussão deste trabalho.

4. PROCEDIMENTOS METOLÓGICOS

De acordo com Lima e Miotto, (2007, pág.39) “podemos considerar a metodologia como uma forma de discurso que apresenta o método escolhido como lente para o encaminhamento da pesquisa”. Desta maneira seguem-se os procedimentos adotados para elaboração e realização desta pesquisa.

4.1 Caracterização do Campo de Pesquisa

O presente trabalho foi desenvolvido na cidade de Boqueirão - PB que está situada no cariri paraibano. Sua unidade territorial é de 371,984 km². Sua população corresponde a 16.888 habitantes (BRASIL, 2010). Atualmente, dispõe de atividades econômicas, nas áreas, da agropecuária, da pecuária e da piscicultura. De acordo com o INEP, (2012) com relação aos dados de ensino, para o ensino médio da rede estadual, foram efetuadas 668 matrículas, com 47 docentes e 2 escolas.

Realizamos a pesquisa na Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Conselheiro José Braz do Rêgo, localizada no centro da cidade. Esta escola possui estrutura física básica, com treze salas de aulas, banheiro feminino e masculino, cantina, biblioteca, laboratório de informática, secretaria, sala dos professores e diretoria, há espaço de estacionamento de automotivos. A escola funciona em três turnos (manhã, tarde e noite), sendo que a presente pesquisa ocorreu nos períodos da manhã e da tarde, nestes turnos funcionam turmas que vão do 8º ao 3º ano médio.

4.2 Caracterização da Pesquisa

O tipo de pesquisa utilizada foi a pesquisa Qualitativa no processo de análise e reflexão no contexto de interpretação da fala dos educadores com relação às correntes pedagógicas incorporadas às suas práticas de sala de aula. Entende-se por pesquisa qualitativa, um processo no qual o pesquisador tem uma atitude e uma prática teórica de constante busca que define um processo intrinsecamente inacabado e permanente, pois realiza uma atividade de aproximações sucessivas da realidade, sendo que esta apresenta “uma carga histórica” e reflete posições frente à realidade (MINAYO, 1994, p.23).

4.3 Análise dos dados

Os dados foram trabalhados de acordo com Análise de Conteúdo. A análise de conteúdo se faz pela técnica de codificação. Esta transforma os dados brutos do texto ou discurso, por recorte, agregação e enumeração, permitindo atingir uma representação do conteúdo. A técnica compreende três escolhas: a unidade de registro (o recorte), as regras de contagem (a enumeração), as categorias (a classificação e a agregação). A unidade de registro apresenta natureza e dimensões variáveis, podendo ser o tema, a palavra ou a frase (BARDIN, 2002).

4.4 Coleta de dados

Inicialmente foi realizado um contato com a direção da escola, para informar a respeito da pesquisa e pedir autorização para que a mesma fosse realizada na escola, depois foram selecionados de maneira aleatória quatro professores do ensino médio, para que pudessem participar de uma entrevista semiestruturada (Apêndice A), na qual foram respondidas perguntas a respeito da tendência pedagógica utilizada pelos referidos professores em sala de aula.

5. RESULTADOS E DISCUSSÃO

5.1 Percepções de professores acerca da tendência pedagógica do construtivismo e da psicologia Histórico-cultural.

Nosso público alvo para o desenvolvimento dessa pesquisa foram professores que lecionam no ensino médio da Escola Estadual Conselheiro José Braz do Rêgo. De maneira aleatória foram entrevistados quatro professores que se dispuseram a contribuir com a pesquisa, participaram da entrevista duas mulheres e dois homens. Que lecionam nas disciplinas de História, Português e Biologia.

Estes professores responderam a uma entrevista, contendo dez perguntas, das quais cinco serão analisadas por tratarem da tendência pedagógica do construtivismo e da psicologia Histórico-Cultural. Para facilitar a compreensão da relação pergunta/resposta da entrevista, nomearemos os professores participantes de Professor A, B, C e D respectivamente.

As perguntas foram categorizadas e analisadas, como se segue:

1. Tendência pedagógica utilizada em sala de aula:

Professora A

“Com as mais modernas tenho um pé atrás”... “Essas novas tecnologias não sei muito utilizar”

Professor B

“Essa mesma estrutura de projetos associados às TIC’s para aprimorar esse trabalho”

Professora C

“Tradicionalista é uma das utilizadas”

Professor D

“Eu acho que fazemos um misto. Mas utilizo mais aquelas crítico-social dos conteúdos”.

De acordo com a fala dos professores no que diz respeito ao tipo de pedagogia utilizada por eles em sala de aula, percebemos uma confusão de conceitos, uma mistura de ideias que não refletem de fato qual postura pedagógica é por eles utilizada. Segundo Martins, (1997), esse fato aponta para uma fragilidade na formação do professor que com relação à prática social é sintética e precária, passando a se expressar com precariedade na compreensão da própria realidade.

Desta maneira podemos inferir que os próprios professores muitas vezes não têm acesso a informações científicas concisas que possam vir a contribuir para uma compreensão de qual deve ser a real atuação do professor em sala de aula, com relação às suas práticas e qual pedagogia lhes deve nortear. Nesse sentido corroboramos com Facci (2004), ao percebemos a concretização da difusão alienadora de algumas práticas pedagógicas como o construtivismo tão difundido nos meios escolares, práticas essas que muitas vezes são contrárias ao que os professores apreenderam na universidade, por isso, tantas vezes observamos contradições e confusões em suas falas.

2. Identificação com a corrente pedagógica do Construtivismo:

Professora A

“Sim, porque ela é mais lógica”.

Professor B

“Não. Porque acho que seu discurso é centrado apenas na prática. Tem mais experiência prática do que do que uso de bibliografia nesse tipo de pedagogia.”

Professora C

“Também. Sou contra quando o professor diz que vai colocar só os alunos para fazer, mas mesclar é positivo”.

Professor D

“Pode ser, não há utilizo como preponderante, mas também a utilizo”.

Com exceção do professor B, todos os outros professores demonstraram certa identificação com o construtivismo, o que corrobora com o pensamento de Arce, (2000) afirmando que o construtivismo no Brasil vem sendo considerado por boa parte dos educadores um grande avanço sobre o processo educativo. Segundo Rossler, (2006), o “boom” construtivista na nossa educação se deu a partir da década de 1980, se difundindo como um discurso de ampla força sedutora, o qual se constituiu como um dos maiores modismos educacionais. O mesmo autor aponta para o fato que o construtivismo se inseriu assumindo o caráter de uma teoria crítica e transformadora em meio ao fracasso educacional, adotando um caráter revolucionário.

Já ao analisarmos a resposta do professor B, percebemos que o mesmo não reconhece o construtivismo como uma prática positiva, por ser uma corrente pedagógica que está centrada apenas “na prática” negando os recursos bibliográficos, nesse sentido, compreendemos uma

identificação do professor com a psicologia histórico-cultural, a qual afirma a importância dos conteúdos historicamente construídos para o desenvolvimento do indivíduo (RASIA, 2010).

3. Percepção do papel do professor no contexto atual:

Professora A

“Eu ainda me realizo como professora, apesar de tudo isso... gosto de ver o lado social do aluno e como posso ajudá-lo também em suas dificuldades além da escola”

Professor B

“É essencial, é necessário, ele seleciona, filtra, o que as novas gerações precisam saber, para alcançar sua participação na comunidade”.

Professora C

“Sou contra chamar o professor de educador, exercendo funções que não lhe cabem”

Professor D

“É um papel imprescindível, estamos vivenciando uma crise nas famílias que acaba ficando para os professores”.

Torna-se interessante perceber o quanto o discurso construtivista encontra-se arraigado no pensamento dos professores. Podemos perceber que em todas as falas com exceção da professora C, os professores se percebem enquanto agentes indispensáveis ao processo educativo mesmo em meio a tantos problemas que têm que enfrentar. Para Arce (2000), tenta-se repassar para as pessoas um discurso altamente alienante: que se o professor se esforçar assim como a comunidade, para vencerem os obstáculos de falta de estrutura, apoio financeiro, apoio pedagógico que é visto como algo natural e saudável, para mudarem suas realidades, quem sabe tudo não passa a ser diferente. Segundo Malagutti, 1988, estes discursos são perversos e conquistam pessoas de todas as idades, reproduzindo-se e difundindo-se por uma espécie de mecanismo automático.

Nessa perspectiva o professor acaba por perder-se de sua função genuína, com afirma a professora C, pois o professor não pode ser visto como o solucionador de todos os problemas. De acordo com Facci (2004), o papel do professor deve estar centrado em desenvolver métodos que conduzam ao desenvolvimento das potencialidades mentais, estabelecendo uma programação de ensino, uma sistematização dos conhecimentos, o que de fato virá a contribuir com o crescimento dos alunos e dá-lhes subsídios para de fato poderem mudar suas realidades.

4. Conteúdos trabalhados pelos professores levando em consideração o cotidiano dos alunos:

Professora A

“Eu prefiro globalizar, acho que eles ficam mais atentos.”

Professor B

“Fazer associações entre o que ele sabe e o que ele precisa saber, fazer a mediação”.

Professora C

“Do cotidiano. Porque eles se identificam mais, mas devemos partir disso aí pra o global”.

Professor D

“Eu entendo que são necessários esses conteúdos da grade com o cotidiano”.

Ao analisarmos a fala dos professores, com exceção da professora A, percebemos que os professores sentem a necessidade de partir do conhecimento cotidiano do aluno para um conteúdo bibliográfico (global), o que é do ponto de vista da pedagogia histórico-cultural algo positivo, uma vez que atribuem importância ao processo de mediação. De acordo com Rasia, (2010) O professor é o mediador dos conceitos científicos e intervêm, na constituição das funções mentais superiores. Já para Saviani, (2003), o trabalho educativo é o ato de produzir, direta e intencionalmente, em cada indivíduo singular, a humanidade que é produzida histórica e coletivamente pelo conjunto dos homens. Duarte, (1993) afirma que a educação é um processo mediador entre a vida do indivíduo e a história.

Compreendemos desta maneira, que mesmo em outras situações das entrevistas estes professores tenham apresentado aspectos construtivistas ou mesmo de falta de conhecimento com relação a aspectos das tendências pedagógicas, no tocante a importância da mediação estes foram coerentes para a psicologia histórico-cultural. De acordo com Facci, (2004) o mediador deve partir do conhecimento sincrético, desorganizado do aluno, para chegar ao conhecimento sintético, sistematizado e vinculado a prática social.

5. Contribuição da mediação para o processo ensino aprendizagem:

Professora A

“Contribuí. Porque eu vejo o mediador ampliando o aprendizado.”

Professor B

“Ela é um dos elementos necessários... por que sem ela existem os conflitos geracionais. Obrigar o aluno a aceitar conceitos é ruim. Mas se o professor leva o indivíduo a relacionar o objeto com sua funcionalidade, é bom. O conteúdo tem que ser funcional, tem que ter objetivo”

Professora C

“Para que os alunos fiquem mais críticos e reflexivos.”

Professor D

“Com certeza é fundamental, o construtivismo e a mediação são novas tendências que nos ajudam no contexto de sala de aula. Uso várias tendências, determinadas salas de aula exigem uma mistura de tendências”

Os professores A e C fazem referência à mediação, assim como ela é compreendida para a perspectiva histórico-cultural, como instrumento que amplia e promove o conhecimento, tornando os alunos mais críticos e reflexivos com relação ao conhecimento. De acordo com Tébar (2011), nossa aprendizagem cresce em quantidade e qualidade quando vem marcada por bons e experientes professores mediadores que têm por função primária, potencializar o rendimento do educando, promovendo aprendizagens significativas. Para Sforzi (2009), o trabalho do professor, na mediação é o de organizar o ensino de forma a promover a aprendizagem dos conteúdos sistematizados pela humanidade o que possibilita o desenvolvimento das funções psicológicas superiores.

Já para os professores B e D, a mediação é vista como um dos vários elementos que podem ser utilizados na prática escolar, demonstrando uma falta de posicionamento ou mesmo desconhecimento com relação ao que de fato vem a ser a mediação. Esse ecletismo pragmático reside nas correntes neoliberais que alimentam o capitalismo e por consequência são repassadas aos professores de maneira alienante, onde se acredita que uma “mistura” de teorias pode ser algo positivo. De acordo com Duarte (2004), essa atitude pragmática não revela compromisso com o enfrentamento dos problemas educacionais, na medida em que esse posicionamento não pode existir sem um firme posicionamento político, filosófico, científico e ideológico.

Ao categorizar e analisar as falas dos professores, a seguir teceremos as considerações finais, ressaltando a importância da mediação consciente dos professores para o desenvolvimento cognitivo dos seus alunos e seu consequente desenvolvimento humano.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao refletirmos acerca dos resultados obtidos em nossa pesquisa, consideramos que o incentivo a uma busca de informações a respeito do real papel do professor em sala de aula, assim como uma tomada de consciência referente à falta de uma pedagogia concisa e científica que promova o desenvolvimento do aluno torna-se cada vez mais indispensável e urgente, levando-se em consideração que a maioria dos professores da escola investigada não soube ao certo identificar qual corrente pedagógica era utilizada em suas práticas, ou mesmo a real metodologia dessas correntes. Esse fato é desencadeante para todos os outros requisitos apresentados na pesquisa, como a falta de um conhecimento preciso a respeito do que é mediação e também no que se refere à função do professor.

Quanto aos questionamentos iniciais abordados nesta pesquisa que visavam perceber qual era o pensamento vigente entre os professores da escola José Braz do Rêgo a respeito do construtivismo e suas implicações percebemos que a maioria dos professores aceita e até mesmo afirma utilizar essa prática mesmo que tenhamos identificado que os mesmos não apresentam um conhecimento preciso sobre o construtivismo. A outra indagação referia-se a maneira pela qual esses professores percebiam a importância da mediação. Nesse aspecto houve uma discrepância no conhecimento desses professores a respeito do tema: enquanto uns souberam identificar e descrever a importância da mediação, outros não souberam nem mesmo reconhecer corretamente o que é mediação.

Por último, podemos inferir que essa falta de conhecimento por parte dos professores a respeito das teorias pedagógicas, em especial ao construtivismo e a mediação, que é o instrumento da psicologia histórico-cultural, que há um prejuízo ao desenvolvimento intelectual e humano dos alunos, uma vez que seu aprendizado não é norteado por uma prática concisa, que oriente o processo ensino aprendizagem. Pois de acordo com Leontiev (2005), para a criança aprender conceitos, generalizações, conhecimentos, deve formar ações mentais adequadas, estas inicialmente assumem a forma de ações externas que os adultos formam na criança para depois se transformarem em ações mentais internas. Kostiuk (2005), fala da necessidade da escola não apenas desenvolver o pensamento do aluno, mas também a capacidade de analisar e generalizar os fenômenos da realidade, de raciocinar corretamente, ou seja, proporcionar o desenvolvimento pleno do indivíduo.

Portanto, afirmamos serem necessários mais estudos como este que venham a alertar em especial, os professores a despeito de muitas vezes sua prática escolar está sendo manipulada e por

consequência manipuladora, pois é o que ocorre quando não se tem conhecimentos concretos que auxiliem o fazer pedagógico, deixando-se levar por modismos ou mesmo alienação. Assim como compreendemos que para que haja uma prática educativa eficaz, a intervenção de uma ação mediadora através da linguagem que direciona, organiza, mostra um novo significado e ainda valoriza informações antes dispersas e muitas vezes errôneas, contribui de maneira significativa para o processo de aprendizagem do aluno e seu consequente desenvolvimento.

REFERÊNCIAS

ARCE, A. A formação de professores sob a ótica construtivista (Primeiras aproximações e alguns questionamentos). In: **Sobre o construtivismo: contribuições a uma análise crítica**. São Paulo: Autores associados, 2000. P. 41-60.

ALVES, C.V.P. **Linguagem e Consciência: Mediação para uma Prática Reflexiva**. UFSM, 2005. Artigo disponível em: http://coral.ufsm.br/lec/02_05/Clarice.pdf. Acesso em Março de 2015.

BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. Lisboa. 70 ed., 2002.

BAQUERO, R. **Angel Rivière y la agenda post-vigotskiana de la psicología del desarrollo**, en Rosas, R. (Ed.) (2001) *La mente reconsiderada: En homenaje a Angel Rivière*. Santiago: Psykhé Ediciones. 2001.

BECKER, F. O que é construtivismo? **Revista Ideias**. São Paulo, n. 20, p. 87-93, 1994.

BRASIL. Ministério do Planejamento, Orçamento e Gestão. **Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística**. Contagem Populacional, 2010. Disponível em: <<http://www.sidra.ibge.gov.br/bda/popul/d...>> Acesso em: Março de 2015.

DAVIS, C.; OLIVEIRA, Z. de. **Psicologia na Educação**. 3ª Ed. São Paulo: Cortez, 2010.

DUARTE, N. **Educação Escolar, teoria do cotidiano e a escola de Vygotsky**. Campinas: Autores associados, 1996. 128p.

_____. **Vygotsky e o “aprender a aprender”**: crítica as apropriações neoliberais e pós-modernas da teoria vigotskiana. Campinas: Autores associados, 2004, 114p.

_____. **Sobre o construtivismo: contribuições a uma análise crítica**. Campinas: Autores associados, 2000. 105p.

_____. **A individualidade para – si**: contribuição a uma teoria histórico social da formação do indivíduo. Campinas, SP: Autores Associados, 1993.

_____. **Conhecimento tácito e conhecimento escolar na formação do professor (por que Donald Schon não entendeu Luria)**. Campinas, SP: Autores Associados, 2003.

FACCI, M. G. D. **Valorização ou esvaziamento do trabalho do professor?** Um estudo crítico-comparativo da teoria do professor reflexivo, do construtivismo e da psicologia vigotskiana. Campinas: Autores associados, 2004. 253p.

HADDAD, C. R.; PEREIRA, M. F. R. **Pedagogia Histórico-Crítica e a Psicologia Histórico-Cultural: Inferências para a formação e o trabalho de professores**. *Geminal: Marxismo e Educação em Debate*, v. 5, p. 106-116, 2013.

KOSTIUK, G. S. Alguns aspectos da relação recíproca entre educação e desenvolvimento da personalidade. In: LEONTIEV, Alex. et. al. **Psicologia e pedagogia: bases psicológicas da aprendizagem e do desenvolvimento**. São Paulo: Centauro, 2005. p. 43- 61.

LEONTIEV, A. N.; **O Desenvolvimento do Psiquismo**. São Paulo, Centauro, 2004.

_____. Os princípios do desenvolvimento mental e o problema do atraso mental. In: **Psicologia e pedagogia: bases psicológicas da aprendizagem e do desenvolvimento**. Tradução de Rubens Eduardo Frias. São Paulo: Centauro, 2005, p. 59-76.

LURIA, A. R. O papel da linguagem na formação de conexões temporais e a regulação do comportamento em crianças normais e oligofrênicas. In: LEONTIEV, Alex. et. al. **Psicologia e pedagogia: bases psicológicas da aprendizagem e do desenvolvimento**. São Paulo: Centauro, 2005. P. 107-125.

MACHADO, A. M. **Avaliação psicológica na educação: mudanças necessárias**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2000, 143p.

MARTINS, J. C. **Vygotsky e o Papel das Interações Sociais na Sala de Aula: Reconhecer e Desvendar o Mundo**. Série Idéias, São Paulo, n.28, p. 111 – 122, 1997. Disponível em: http://www.crmariocovas.sp.gov.br/pdf/ideias_28_p111-122_c.pdf. Acesso em março de 2015.

MARSIGLIA, A. C. G. ; DUARTE, N. . **O conhecimento é uma invenção ou reinvenção da realidade?** Para uma crítica marxista à epistemologia construtivista. In: XII Conferência Anual da Associação Internacional para o Realismo Crítico – participação. Niterói. Anais da XII Conferência Anual da Associação Internacional para o Realismo Crítico. Niterói, 2009.

MINAYO, M. C. S. (org.). **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

Ministério da Educação, Instituto Nacional de estudos e Pesquisas Educacionais- **INEP** – Censo Educacional 2012.

PALANGANA, I. C. **Trabalho, linguagem e consciência: Uma mediação que fundamenta a prática escolar**. In: BIANCHETTI, Lucídio (org.) Trama e Texto. São Paulo: Plexus, 1996.

POROLONICZAK, Juliana. **O papel da linguagem no processo de desenvolvimento humano**. Artigo disponível em: HTTP://www.histedbr.fae.unicamp.br/acer_histedbr/jornada/jornada11/artigos/3/artigo_simposio_3_798_julianap@nrecascavel.com.pdf. Acesso em Março de 2015.

RASIA, M. G. R. Vigotski e o papel da educação escolar na constituição do psiquismo humano. Artigo. João Pessoa, 2010.

RASIA, M. da G. R. O conhecimento como constituinte da Educação Popular. In: ____ SILVA, Adelmo Carvalho da; CARVALHO, Ademar de Lima; MACHADO, Aline Maria Batista (Orgs). **Educação Popular, práxis pedagógica e cidadania**. Cuiabá: EdUFMT, 2011.

RASIA, M. da G. R. **Psicologia Histórico-Cultural na Formação Docente**. Artigo. João Pessoa, Pb. 2014.

ROSSLER, J. H. **Sedução e alienação no discurso construtivista**. São Paulo: Autores associados, 2006. 285 p.

SANCHIS, I. P.; MAHFOUD, M. Construtivismo: desdobramentos teóricos e no campo da educação. **Revista Eletrônica de Educação**. São Carlos, v.4, n.1, p. 18-33, 2010.

SARTÓRIO, L. A. V. Apontamentos críticos as bases teóricas de Jean Piaget e a sua concepção de educação. **Revista Eletrônica Arma da crítica**. São Paulo, Ano 2: número especial, p.205-226, 2010.

SAVIANI, D. **Pedagogia Histórico-Crítica: primeiras aproximações**. Campinas, SP: Autores associados, 1994.

_____. **Pedagogia histórico-crítica: primeiras aproximações**. 8. ed. Campinas: Autores Associados, 2003.

SFORNI, M. S. F. ; GALUCH, M. T. B. **Apropriação de instrumentos simbólicos: implicações para o desenvolvimento humano**. Educação (Porto Alegre), v. 32, p. 79-83, 2009.

TEBÁR, L. **O perfil do professor mediador: pedagogia da mediação**. São Paulo: SENAC, 2011, 552p.

VYGOTSKY, L. S. **A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores**. 5 ed. São Paulo: Martins Fontes, 1994.

VIGOTSKI, L. S.; LURIA, A. R. **Estudos sobre a história do comportamento: símios, homem primitivo e criança**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.

_____. **Pensamento e linguagem**. Martins Fontes: São Paulo, 2000.

APÊNDICE A _ Roteiro da Entrevista semiestruturada que foi aplicada aos educadores do ensino médio referente a Pedagogia Construtivista e a Psicologia Histórico-Cultural:

- 1) Durante o seu exercício profissional que tipo(s) de tendência(s) pedagógica(s) você tem utilizado em sala de aula?**
- 2) Você se identifica com a corrente pedagógica do “Construtivismo”? Por quê?**
- 3) Diante de tantos desafios impostos aos professores, como baixa remuneração, falta de estrutura, apoio pedagógico etc. Como você percebe o papel do professor nesse contexto?**
- 4) No seu dia a dia em sala de aula, o que você considera como sendo mais produtivo para o aprendizado dos seus alunos, trabalhar conteúdos relacionados ao cotidiano deles ou explicar os conteúdos de uma maneira mais histórica e global? Por quê?**
- 5) Você acredita que se existissem cursos de formação de professores na corrente construtivista, a escola estaria melhor do ponto de vista pedagógico? Por quê?**